

A PARTICIPAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE NO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 1930.

*Marlene da Silva Mariz **

A presente comunicação é parte da nossa Dissertação de Mestrado em História (1), em fase final de elaboração, cuja área de pesquisa se refere ao RGNorte, no período de 1930 a 1935, onde se procura mostrar os efeitos da revolução neste Estado e a volta da política tradicional ao poder na primeira eleição direta realizada.

O que se pretende analisar nesta comunicação é a participação do Rio Grande do Norte neste movimento de 30, que ocorreu como uma via de consequência, apenas como adesista.

Espera-se demonstrar que não havia anteriormente a 30, um clima de efervescência política que indicasse qualquer ligação com a Aliança Liberal ou uma disposição de participar do «movimento tenentista». Isso é explicável pelas profundas relações entre a elite política potiguar e a oligarquia dominante nacional, como se comprova pelo apoio e participação do RGN na campanha eleitoral de Júlio Prestes. Não obstante essa situação, a revolução se instalou no Estado sem resistência legalista e aderiu desde o primeiro momento, sem maiores obstáculos.

As fontes utilizadas na execução desta análise, cujo tema a pouco explorado pela bibliografia regional, foram coleções de jornais da época, coleções de correspondência do arquivo e do CPDOHC — Fundação Getúlio Vargas — publicações de âmbito nacional sobre o tema e época em que se insere o assunto regional, as publicações locais existentes, além de entrevistas orais.

Até o movimento de 1930 o RGNorte era governado pelo Dr. Juvenal Lamartine de Faria, que assumira o poder em 1928. Mantinha a linha política inovada por seu antecessor, José Augusto Bezerra de Medeiros, que privilegiava a união do Estado ao sistema nacional, como única forma de fornecer uma infra-estrutura interna e externa ao RGNorte e garantia, através dessa integração Estado/União, o desenvolvimento regional (2).

Essa tendência política, que defendia os interesses nacionais, em contraposição a do grupo que comandara politicamente o Estado até os anos vinte e que visava mais os interesses regionais, justificava, em parte, a posição do RGN no processo sucessório de 1930, incluído entre os dezessete Estados que ficaram solidários com o então presidente Washington Luiz, na indicação de Júlio Prestes para sua substituição. Por outro lado, verifica-se ainda que, por ser o RN, um estado pobre e pouco desenvolvido, tinha uma grande rela-

ção de dependência política e econômica com o governo federal.

A administração Lamartine caracterizou-se como um governo autoritário e centralizado, destacando-se não somente pelas realizações empreendidas mas sobretudo pela forte repressão que exercia contra a oposição, que dessa forma poucas condições tinha de se manifestar. Também essa repressão era utilizada contra o cangaceirismo e banditismo, que comumente apareciam no Estado nessa fase. A quase única oposição que sofria o governo era dirigida pelo jornalista João Café Filho, que liderara as primeiras greves de Natal/RN (1923) e organizara o Sindicato dos Trabalhadores de Natal (3).

Café Filho, exercia no meio dos estivadores e classes menos favorecidas uma liderança com características populistas. Ficara mal visto pela oligarquia dominante e pelos militares do Estado, devido a proclamação que lançou em 1926 — ocasião em que o governo federal movimentava campanha contra os revoltosos da Coluna Prestes — onde incitava os subalternos do exército a não obedecerem às ordens de combate aos revoltosos, razão porque foi processado e condenado a 3 meses de prisão, pelo Supremo Tribunal Federal. Os seus adversários passaram a classificá-lo de comunista e o governo Lamartine forçou-o a deixar o RGN e a procurar refúgio na Paraíba. Ai passou a militar com os políticos locais em favor da Aliança Liberal, recebendo apoio de João Pessoa que o colocou no jornal «A União» (4).

Ao ter início o processo sucessório de 1930, Lamartine, consultado por amigos do sul — entre os quais Antunes Maciel — sobre a candidatura Vargas, afirmava já ter definido sua posição no pleito (5). Essa informação é um dado revelador das ligações de amizade de Lamartine com alguns políticos do grupo dissidente do Rio Grande do Sul e o seu comprometimento com o sistema tradicional.

O resultado eleitoral, para o qual inscreveram-se 23.864 eleitores (6), expressou a grande maioria para os candidatos oficiais Júlio Prestes e Vital Soares, para a presidência e vice presidência, respectivamente. Getúlio Vargas e João Pessoa, receberam uma votação insignificante (7).

Após o pleito, o RGN permanecia calmo, à margem das agitações nacionais. Lamartine, no mes seguinte viajava ao Rio em busca dos auxílios prometidos pelo governo federal para o Estado, o que é uma forte indicação dos compromissos anteriores, que geravam a relação de dependência. O RGN dava o apoio político com os votos e em troca recebia auxílio financeiro para suas obras prioritárias.

Na Paraíba, ao contrário do RGN, a divisão política levava a que rebentasse o movimento de Princesa, município daquele Estado. Lamartine, que segundo consta possuía ligações com os Pessoas de Queiróz, patrocinadores do movimento armado — enviou a força militar do Estado para proteger as fronteiras, evitar a infiltração de elementos estranhos e auxiliar os coronéis daquele município, caso precisassem. Este contingente permaneceu em Santa Luzia até outubro de 1930.

Em meio à agitação, após o pleito, o presidente Potiguar estava tão confiante e tranqüilo quanto à situação, que pensava até em participar do novo governo em uma das pastas ministeriais, tal o prestígio que sentira junto ao governo federal (8).

A exposição da situação do RGN até o momento em que teve início a revolução, deixa bastante claro que até essa data não havia nenhuma efervescência política que denotasse qualquer pretensão de reação ao governo com o re-

sultado das eleições. A revolução foi recebida no Estado como um «pós factum», sem resistência e com adesão.

O movimento fora iniciado a 3 de outubro, simultaneamente nos três Estados ligados pela Aliança Liberal — Mins, Rio Grande do Si e Paraíba. No norte, o movimento partiu da Paraíba, de onde foi enviado um contingente militar para Natal. As notícias dos sucessos revolucionários em Pernambuco e Paraíba e do encaminhamento das forças para Natal, levaram o presidente Lammartine, a 5 de outubro, a abandonar esta cidade, procurando asilo em Paris. O 29° BC ao chegar à capital potiguar, encontrou-se sem resistência legalista, sem governante e com simpatizantes que aderiram ao movimento.

Liderava a recepção às tropas militares, João Café Filho que retornara com antecedência da Paraíba e juntamente com Omar Lopes Cardoso e Pedro Dias Guimarães, organizaram um grupo de 44 civis para engrossarem as fileiras do contingente militar que entrava em Natal (9).

A ocupação de capital potiguar foi realizada pacificamente. O tumulto inicial deveu-se, sobretudo, à situação natural do momento, com a população nas ruas; os aproveitadores vendo na ocasião o clima perfeito para arruaças e assaltos, criaram uma situação de insegurança pública e de abuso em nome da revolução. A vida administrativa da cidade foi paralizada.

No dia 8 a revolução assumia oficialmente o poder e procurava fazer voltar à normalidade, com o jornal «A República», agora como órgão revolucionário, anunciando em manchete a «vitória das tropas revolucionárias no RGN contra os que restringiam as liberdades do povo. O Estado recebera a legião de braços abertos» (10).

Na verdade, se não houve resistência também não houve grande entusiasmo. Não fora o número de adesões do primeiro momento, o Estado recebia o 29° BC indiferente.

Com o início do governo revolucionário começa uma nova fase que se caracterizará por uma constante instabilidade, resultado das divergências de mentalidade entre os componentes do próprio grupo revolucionário. A primeira atitude dos comandantes militares, foi convidar o desembargador Silvino Bezerra Neto, irmão do oligarca José Augusto, para assumir o governo do Estado. Este após ouvir um parecer dos desembargadores do Tribunal, não aceitou.

Este convite, que revela a moderação do grupo militar, provocou uma reação da facção liderada por Café Filho, que já se preparava para assumir o governo em nome do povo. Entretanto, impedido pelo coronel Júlio Perouse e o ten. Jônatas Luciano, decepcionado retirou-se e na mesma noite enviou à Paraíba Sandoval Wanderley — jornalista correligionário — para dar ciência dos acontecimentos a José Américo e pedir sua interferência.

Com esse impasse, em que os grupos divergiam quanto à indicação do chefe do governo e que revela a moderação dos militares e o radicalismo dos cafeístas, constituiu-se uma Junta Governativa Militar Provisória, até a chegada de Juarez Távora para definir uma solução. A Junta era composta dos coronéis Tavares Guerreira, Abelardo de Castro e Júlio Perouse.

A chegada de Juarez Távora resolveu a situação com a indicação de Ireneo Joffily como presidente revolucionário provisório e percebe-se claramente uma nova fase da revolução no RGN como o período dos interventores. Da acomodação inicial, verifica-se um período de constantes incompatibilidades entre os políticos tradicionais e os representantes do governo provisório, o

que é objeto de estudo na continuação desse trabalho.

Ainda como argumento na afirmação da acomodação do RGN, no início da revolução, verificam-se as adesões de muitos coronéis dos municípios do interior, que, indicados para prefeitos, aceitaram como foi o caso de Dinarte Mariz em Caicó, Cônego Amancio Ramalho em Mossoró, Mariano Coelho em Currais Novos, entre outros, numa demonstração patente de suas adesões ao novo sistema.

Finalmente, verifica-se que mais tarde, passado o entusiasmo dos primeiros momentos da instalação do novo regime, a insatisfação começara a surgir, revelada pelos ataques e pressões endereçadas aos representantes do governo central. A situação estadual espelha a instabilidade nacional, conseqüência da heterogeneidade da nova facção governista. A falta de coesão nacional se refletia também nos Estados, trazendo, em decorrência, um período turbulento e conflitante, pelas divergências de objetivos da nova classe dominante.

NOTAS

* Departamento de Filosofia, História e Geografia da UFRN.

1. Estudo sobre a política do RGN de 1930/1935. Dissertação de Mestrado em andamento — Mestrado de História da UFPE.
2. Sobre o assunto veja-se Janice Theodoro da Silva — Raízes da Ideologia do Planejamento: Nordeste (1889-1930), Livraria Editora de Ciências Humanas. São Paulo, 1978.
3. Veja-se Café Filho — Do Sindicato ao Catete, col. Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, J. Olimpio Editora, vol. I, pág. 44/45. 1966.
4. Café Filho Do Sindicato... pág. 55/62.
5. Carta de Juvenal Lamartine a Antunes Maciel — 23.08.29 (CPDOCH7).
6. Veja-se «A República» de 30.08.29.
7. Getúlio Vargas obteve apenas 472 votos no RGN, enquanto que Júlio Prestes obteve 17.499 (Ver República de 06.03.1930).
8. Carta de Lamartine ao seu auxiliar de administração Aduauto Câmara (chefe de polícia) de 27.6.30, transcrita na «República» de 21.10.30.
9. Café Filho — Do Sindicato... pág. 63.
10. Veja-se «A República» de 08.10.1930.
11. Entrevista oral com o Prof. Manoel Rodrigues de Melo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CAFÉ FILHO — Do Sindicato ao Catete, col. Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, vol. I J. Olimpio Editora, 1966.
- 2 — CASCUDO, Luis da Câmara — História do Rio Grande do Norte — MEC, Serviço de Documentação.
- 3 — _____ História de uma Assembléia Legislativa no RGNorte, Natal, Fundação José Augusto, 1972.
- 4 — CARONE, Edgard — A Primeira República (1889-1930) Texto e Contexto, São Paulo. Difusão Européia de Livros, 1969.
- 5 — _____ A República Velha (Instituições e Classes Sociais), São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976.
- 6 — _____ A República Nova (1930-1937), São Paulo, Difel, 1976.
- 7 — FAUSTO, Boris — A Revolução de 1930, in Brasil em Perspectiva (org. C.G. Mota) São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968, pág. 253/284.
- 8 — _____ A Revolução de 1930 — Historiografia e História, São Paulo, Brasiliense, 1976.
- 9 — FURTADO, João Maria — Vertentes (Memórias), Rio de Janeiro, Gráfica Olimpica Edi-

tora Ltda. 1976.

- 10 — MEDEIROS, Tarciso da Natividade — Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do Rio Grande do Norte — Natal, Imprensa Universitária, 1973.
- 11 — THEODO DA SILVA, Janice — Raízes da Ideologia do Planejamento: Nordeste 1889/1930), São Paulo, Ed. Ciências Humanas Ltda. 1978.
- 12 — TÁVORA, Juarez — Uma vida e muitas lutas — Memórias — A caminhada no Altiplano — Rio de Janeiro, Livraria José Olimpio Editora, Vol. II, 1974.
- 13 — SILVA, Hélio — O governo Provisório — 1931/33 — História da República Brasileira, vol. 8, São Paulo, Editora Três, 1975.